



IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

Portugal, território de territórios

Sessão Semi-plenária: Género, norma e (des)ordem

“TER UM FILHO GAY: (DES)ORDEM DE GÉNERO, EROTISMO E SEXUALIDADE”

BRANDÃO, Ana Maria

Doutora em Sociologia, Universidade do Minho, anabrandao@ics.uminho.pt

Resumo

Na modernidade tardia, a sexualidade constituiu-se como forma de expressão e realização pessoais. O processo de autonomização da sexualidade criou novas categorias de pessoas, definidas pelas suas práticas sexuais e, em particular, pelo objeto do seu desejo. Porém, se é verdade que a sexualidade surge, hoje, pelo menos relativamente desligada do género, não está, todavia, em causa um desligamento completo, mas antes dimensões que se intersectam e cujos contornos e pontos de ligação nem sempre são claros. Partindo dos dados de um projeto de investigação em curso, procura-se debater esta questão, sublinhando a presença persistente do género nas representações da sexualidade. Embora o objeto central de análise desse projeto sejam os efeitos da revelação de uma identidade sexual não normativa (i.e., gay, lésbica, bissexual ou *queer*) de um/a filho/a nas identidades parentais, os dados recolhidos até ao momento sugerem que, entre as questões que mais parecem perturbar os progenitores, se encontram, precisamente, as que sugerem uma violação da sexualidade normativa. Mas o que essa violação simbolicamente traduz são, essencialmente, as dificuldades suscitadas pela rutura com a ordem de género.

Abstract

In late modernity, sexuality has become a form of personal expression and self-fulfilment. The process of autonomization of sexuality gave birth to new kinds of people defined by their sexual practices and particularly by the object of their desire. If today sexuality appears at least partly dissociated from gender this does not equate to a full separation; these are two intersecting dimensions whose outlines and connecting points are often unclear. This presentation debates this issue based on data from an ongoing research project, which highlight the persistent presence of gender in representations of sexuality. Although the object of this project are the effects of a an offspring's coming out as gay, lesbian, bisexual or queer on parental identities, the data collected so far suggest that topics denoting a violation of normative sexuality are among the most troubling issues for parents. But what this violation symbolically stands for are fundamentally the difficulties evoked by the disruption of the gender order.

Palavras-chave: sexualidades não normativas; género; representações; família

Keywords: non-normative sexualities; gender; representations; family

Introdução

A sexualidade humana possui características particulares quando comparada com a de outras espécies. A sua reconhecida plasticidade, o seu desligamento de uma periodicidade específica e da reprodução (algo não tão recente como, por vezes, se pretende fazer crer), a sua regulação através de mecanismos internos, i.e., aprendidos, fizeram dela “uma atividade altamente imaginativa e culturalmente elaborada não confinada às áreas genitais” (Cucchiari, 1994, p. 38). Como notou Taylor (1996, p. 8), a Humanidade tem a espantosa capacidade de alterar ou até negar a biologia: “Temos máquinas de preservativos, implantes de mamas e aumentos do pénis, inseminação artificial, *purdah*, mães hospedeiras e cesarianas, *drag queens* e *drag kings*, circuncisões e excisões, sexo por telefone e sexo cibernético, mosteiros e bordéis, arte erótica, pornografia, censura e um vasto leque de tipos de casamento”. Não se pense, todavia, que esta diversidade de formas de expressão sexual e de género é exclusiva da modernidade tardia e dos seus avanços tecnológicos e científicos. Se recuarmos cinco mil anos, encontramos também formas de “bestialidade, homossexualidade, prostituição [...], travestismo (masculino e feminino), transsexualidade, tratamentos hormonais, Sadomasoquismo, um vigoroso interesse pela concepção, ideias acerca da procriação racialmente ‘pura’, sexo enquanto recreação acrobática e competitiva e sexo enquanto disciplina transcendental” (idem, p. 17).

Porém, quando comparamos os universos simbólicos que caracterizam cada época e formação social específicas, verificamos que formas idênticas de expressão sexual, nuns casos incentivadas ou admitidas, podem, noutros, ser sujeitas à estigmatização e à repressão. Quase invariavelmente, os investigadores concluem que a compreensão dessas diferenças passa pela análise das formas particulares assumidas pela ordem de género. É esta que define o “que constitui a expressão sexual adequada”, i.e., as normas relativas ao exercício da sexualidade, que incluem “não só a mecânica da sexualidade e o género da fantasia erótica de cada um, como também um complexo de objetos, símbolos e fantasias que constituem o erotismo permitido ou normativo” (Cucchiari, 1994, pp. 37-38).

Há dois traços relativamente recentes na história do sexo no Ocidente: a constituição e a autonomização da sexualidade como domínio específico de estudo e intervenção por parte de “peritos”; e a centralidade que ela veio a assumir na definição identitária dos indivíduos. Ao que parece, nas sociedades modernas, é pelo sexo que cada um deve passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade, à totalidade do seu corpo, à sua identidade (Foucault, 1994, p. 157). A sexualidade constituiu-se na verdade última sobre quem somos. Na modernidade tardia, em particular, ela tende a transformar-se “mais num ‘código comunicativo’ do que num fenómeno integrado com as exigências mais vastas da existência humana” (Giddens, 1997, p. 151), assumindo-se como forma de expressão e realização pessoais. Estas alterações são marcadas por uma rutura parcial da relação entre género e sexualidade: onde o género era a realidade primária e determinante da posição de cada um no espaço social, dividindo a Humanidade entre homens e mulheres, entre masculino e feminino, o processo de autonomização da sexualidade vem criar novas categorias de pessoas, definidas pelas suas práticas sexuais e, em particular, pelo objeto do seu desejo.

Especialmente com a constituição da sexologia como área privilegiada de intervenção de médicos e outros peritos, assistimos a uma proliferação de tipos de pessoas que passaram a ser definidas de acordo com as suas preferências sexuais. Assim, e a despeito de podermos considerar que uma história da sexualidade “é uma história que não tem propriamente uma matéria” (Weeks, 1995, p. 21), “a história de um tema cujos significados e conteúdos estão em processo contínuo de mudança” (Padgug, 1992, p. 55) ou “um objecto wittgensteiniano” (Davidson, 1992, p. 101), o facto é que a mera produção científica a seu propósito mostra a profunda influência que teve/ tem nas nossas vidas e as suas repercussões pessoais, sociais e políticas. A este respeito, concordaremos, pois, com Foucault (1994, p. 106) quando defende que a sexualidade se constitui como um ponto de passagem particularmente denso para as relações de poder, um dos seus elementos dotados de maior instrumentalidade, utilizável para um maior número de manobras e podendo servir de ponto de apoio/ charneira das estratégias mais variadas, precisamente na medida em que opera pela

incorporação das categorias produzidas ao nível discursivo, regulando os corpos e os seres, submetendo os indivíduos às suas categorias e dando-lhes, deste modo, uma existência efetiva.

É importante sublinhar que, se é verdade que a sexualidade surge, hoje, pelo menos relativamente desligada do género, não está, todavia, em causa um desligamento completo, mas antes dimensões que se intersectam e cujos contornos e pontos de ligação nem sempre são claros. Na verdade, poderíamos – deveríamos? – perguntar se esta constatação mais ou menos recorrente não traduz, em si mesma, mais a presença dos mecanismos de reprodução da ordem do que o reconhecimento de uma desordem factual. Partindo de dados obtidos através de entrevistas semidiretivas conduzidas no âmbito de um projeto de investigação exploratória em curso, intitulado *Famílias e Sexualidades Não Normativas*, procura-se debater esta questão, sublinhando a presença persistente do género nas representações da sexualidade¹. Embora o objeto central de análise deste projeto seja os efeitos da revelação de uma identidade sexual não normativa (i.e., gay, lésbica, bissexual ou *queer*) de um/a filho/a nas identidades parentais, os dados recolhidos até ao momento sugerem que, entre as questões que mais parecem perturbar os progenitores nesse processo, se encontram, precisamente, as que sugerem uma violação da sexualidade normativa. Mas o que essa violação simbolicamente traduz são, essencialmente, as dificuldades suscitadas pela rutura com a ordem de género.

1. Uma situação que não é “normal”...

A família parece constituir um dos principais desafios à revelação de uma identidade sexual não normativa. Vários estudos têm descrito os efeitos dessa revelação por parte de um/a filho/a, em particular, nos pais e nas suas identidades enquanto pais (e.g., Ben-Ari, 1995; Mallon, 2000; Markowe, 1996; Morrow, 2001; Queiroz, 1988; Seidman, 2004; Waldner et al., 1999; Weeks et al., 2001). Em geral, a revelação é recebida com surpresa, mesmo quando estes afirmam conseguir localizar indícios passados de não conformidade dos/as filhos/as a esse nível, e é frequentemente acompanhada de um período mais ou menos longo e conturbado de sofrimento que alguns autores têm equiparado ao luto (cf. Frazão et al., 2008; Savin-Williams, 2006). Os nossos dados sugerem, entretanto, que há certos aspetos dessa revelação que são considerados especialmente perturbadores pelos pais. Entre eles, encontram-se aqueles que frustram, direta ou indiretamente, as representações dominantes do género, da família e da sexualidade, que se encontram, de resto, associadas.

De facto, ainda que sob o efeito, nomeadamente, dos movimentos de mulheres e do movimento lésbico, gay, bissexual e transsexual (L.G.B.T.), as representações, os valores e as normas relativos ao género e à sexualidade se tenham tornado mais plurais e diversos, isso não significa, como notou Bozon (2013, p. 44), que se tenham tornado livres ou independentes de determinantes sociais. Para além da persistência de um duplo padrão moral sexual atenuado – uma ‘emancipação feminina mitigada’ –, face à heterossexualidade, as restantes sexualidades continuam a ter um estatuto marginal ou periférico (idem, p. 71). A imagem tradicional da família reflete noções convencionais do género (Markowe, 1996, pp. 40-41) sobre as quais repousam as expectativas parentais. É, precisamente, a frustração dessas expectativas que emerge como um dos principais obstáculos que os pais têm que ultrapassar no processo de aceitação da nova realidade. A realidade com que passam a confrontar-se contrasta claramente com o futuro projetado para os filhos, que traduz, invariavelmente, uma conformidade à heteronormatividade:

“Os sonhos de qualquer mãe ou pai: gostava que não fosse homossexual, que tivesse gostado de uma rapariga, namorasse a rapariga, casasse e tivesse netos e tudo o que uma família tradicional tem e aqui as coisas vão ser diferentes!” (Olívia, filho homossexual)

“Vamos ser pais, vamos casar, eles já estão crescidos, vão casar, vão ter filhos, nós vamos ter netos... [...] Acho que a [ideia antecipada da] felicidade do João Pedro é ter uma mulher, casar-se – ou juntar-se... [...] E, depois, viessem os netos.” (Carla, filho homossexual)

Mesmo reconhecendo a possibilidade de essas expectativas poderem vir a ser satisfeitas por outras vias, o parentesco – especialmente, a filiação – continua a ser entendido como um laço de cariz biogenético que exige, para a sua concretização, a presença de um homem e uma mulher. Por isso, mesmo quando reconhecem que os filhos vivem, hoje, mais felizes e libertos do peso de um segredo que afetava quotidianamente as suas vidas, aquilo que os pais descrevem como “aceitação” vem invariavelmente acompanhado de um sentimento de “pena” e do sublinhar da presença de “compensações”:

“[...] quer dizer, até pode ser que tenha [netos], mas não é na situação normal, dita normal... O João Pedro é aquilo a que eu chamo um desperdício. Não consigo deixar de achar! [...] Tem a ver com isso. [...] Eu acho que nós aprendemos que é assim, por isso, estamos à espera que seja assim e quando, de repente, não é assim, ficamos com um bocadinho de pena...” (Carla, filho homossexual)

“Eventualmente, não têm filhos... Não sei se vão adotar algum... As coisas mudam. [...] Também há outras compensações. Ele é um filho muito meigo e muito bom! Talvez [...] isso compense, de alguma maneira, o facto de ser diferente!” (Olívia, filho homossexual)

Por vezes, estas considerações são igualmente acompanhadas da referência ao papel central da família na concentração e transmissão do património material:

“Eu e a mãe, nós tínhamos projetado uma ideia de futuro [...] esperávamos que o Pedro acabasse o curso, depois seguisse uma vida normal em comum com uma esposa e, de preferência, de um estrato socioeconómico próximo do nosso e não é assim! Não foi assim que aconteceu! [...] porque, afinal, andámos a trabalhar tantos anos para construir e para ter uma vida melhor e isto vai parar às mãos de quem?... ‘Vocês não vão ter filhos!’... Podem não vir a ter filhos e o património fica com quem?” (Filipe, filho homossexual)

Também a este nível, portanto, o desligamento face à ‘ordem tradicional da procriação’ (Bozon, 2013, pp. 7-15) é apenas parcial e os arranjos familiares e procriativos alternativos continuam a ser vistos como soluções não totalmente satisfatórias.

2. O que é que eles fazem quando estão sozinhos?

Uma segunda fonte de perturbação para os pais parece ser a ideação do que são, concretamente, as práticas sexuais não normativas – ou, pelo menos, o que é que pode acontecer, do ponto de vista sexual, entre pessoas do mesmo sexo. É, provavelmente, aqui, que mais claramente se percebe a presença e a influência de um “cenário cultural” (Gagnon, 1999, p. 76) claramente heteronormativo, que opera ao nível coletivo e que estabelece as normas e os interditos em matéria de sexualidade. É esse cenário que fornece os elementos a partir dos quais é possível não só imaginar, mas também classificar e saber como agir face a estímulos e situações concretas. Na sua ausência, produz-se a sensação de estranheza, ou mesmo “anormalidade”, que emerge nas entrevistas, como mostra o excerto seguinte:

“Porque tudo o que foge à regra e à norma... Eu acho que é a reação natural do Homem em relação ao desconhecido. É o medo do desconhecido. ‘Eu não sei que raio de casta é esta’ [...] porque, de facto, não sabia o que era e admitia que fosse uma forma de manifestação estranha, de ser contra a norma, são indivíduos que são contra a norma!” (Filipe, filho homossexual)

Ora, aquilo que está verdadeiramente em causa nesta fuga à norma é a contravenção de uma ordem bipolar de género que assenta na crença na sua “natural” atração (Douglas, 1994). Onde isto é mais claro é na ausência dos “guiões sexuais” (Gagnon et al., 1977) adequados à compreensão da pluralidade da sexualidade humana. De facto, os guiões estabelecem “sequência[s] de atos” que pressupõem o conhecimento das sequências de interação possíveis e, portanto, prováveis, numa dada situação (Strauss, 2002). Os guiões sexuais, especificamente, enunciam uma série de combinações e proposições, como, por exemplo: “‘Eu sou um Y, devo desejar um X.’ ou ‘Se eu desejo um X, devo ser um Y. Se eu sou um Y, devo desejar um X. Se

eu quero ser um Y, tenho que desejar um X.’ ou ‘Z quer/ espera que eu seja Y, portanto, eu devia tentar desejar X.’ ou ‘Se eu sou um X, devia/ tenho que ser X1, X2, X3,... Xn’, ou ‘Sendo X, é mais fácil ser X1, X2, X3,... Xn’” (Simon, 1996, p. 36). Num contexto de socialização onde quer a fantasia erótica, quer as práticas sexuais se restringem, praticamente, ao hétero-erotismo, pode ser, portanto, difícil imaginar o que acontece noutros cenários, como reconhece Olívia:

“Faz-nos muita confusão [...]: “Mas depois, eles, quando estão juntos, o que é que eles fazem?!...”... A nós faz-nos uma confusão! [...] é mesmo o nosso preconceito: o que é que eles fazem quando estão mesmo, mesmo sozinhos?”(Olívia, filho homossexual)

Nalguns casos, essa estranheza está associada a uma visão da sexualidade que traduz, implicitamente, a conceção do ato sexual como um ato de dominação – escusado será dizer, masculina –, como bem sublinhou Bourdieu (1998, p. 25). É por isso que a sexualidade lésbica pode ser mais facilmente enquadrada na ordem “natural” das coisas – visto que se espera que as mulheres se deixem dominar –, ao passo que a sexualidade gay desperta considerações acerca daquilo que é entendido como a “necessária” dominação de um parceiro sobre o outro, como mostram as declarações de Filipe:

“Porque, naquele fim-de-semana, naquela confusão mental, naquele turbilhão, eu reconheço que me veio à cabeça uma ou outra... ‘Mas há uns ativos, outros passivos, será que ele é passivo, será que ele é ativo?...’ [...] Tem a ver com o preconceito machista: entre homens, é uma coisa; entre mulheres, é outra! Tenho muita dificuldade... [...] Eu não consigo explicar o porquê disso! Será porque as relações sexuais são diferentes? Entre os homens são menos naturais do que entre mulheres?... Não consigo! Eu não consigo explicar isso!”(Filipe, filho homossexual)

A maior benevolência face à sexualidade lésbica – que nem sempre é, de resto, entendida como “verdadeiramente” sexual – e o binómio – imaginado ou real – atividade/ passividade, mais não fazem do que sublinhar que há uma ordem no mundo cujo equilíbrio parece depender menos de uma eventual “usurpação” feminina do lugar dominante próprio dos homens – contanto que ela se exerça entre mulheres – do que da perda dessa posição por parte destes (cf. Brandão, 2010). Dito de outro modo: ser-se dominado (sexualmente) é menos grave para uma mulher do que para um homem. Ao mesmo tempo, este tipo de apreciação também ilustra a persistência de uma visão androcêntrica e falocêntrica da sexualidade humana (Jackson, 1995; Ussher et al., 2000; Wilton, 1995) que decorre dessa ordem.

Porém, se os guiões sexuais que sustentam a heteronormatividade e a dominação masculina estão em todo o lado, até mesmo naquilo que não se refere diretamente à sexualidade, os que lhe escapam têm de ser ativamente procurados e aprendidos – ou, pelo contrário, conscientemente ignorados. Com efeito, a superação da perturbação suscitada por interrogações como as que identificámos é, geralmente, conseguida através de um processo de normalização (Richardson, 2005; Seidman, 2004) das relações entre pessoas do mesmo sexo, que pode operar pela remissão da sua dimensão propriamente sexual para segundo plano e/ou pelo sublinhar da “normalidade” dessas relações a outros níveis, como mostram os excertos seguintes:

“Quando estão juntos, o que é que eles fazem?!... Fazem o que toda a gente faz! [...] É uma coisa muito íntima e, depois, nós aprendemos que a intimidade é tão pessoal entre casais hétero, como homo! Nós também não vamos ao quarto de ninguém ver o que é que as pessoas estão a fazer! [...] Tudo o resto é igual! O resto é tudo igual! Eles vão para a cozinha, vão cozinhar...”(Olívia, filho homossexual)

“Pronto, e [...] percebi sem nunca ter, a partir daí, sentido qualquer necessidade de perceber como é que era, como é que se estabeleciam as relações em toda a sua plenitude. Nunca tive nenhuma preocupação em relação à questão sexual em si! Porque é curioso: é disso que estamos a falar, de homossexualidade! E eu nunca – nem antes, nem depois – senti necessidade..., mas isso passou! Isso veio-me à cabeça, mas muito pouco. Eu fui interiorizando e percebendo que isso não tinha nenhuma relevância! Não tinha nenhum interesse saber isso!” (Filipe, filho homossexual)

É importante, todavia, notar que este tipo de inquietações não está, necessariamente presente em todos os casos, o que remete, desde logo, para a procura de variáveis explicativas distintas que intervêm nestes processos. Há casos em que os pais não parecem particularmente perturbados com este tipo de questões e são, pelo contrário, eles, que procuram ajudar os filhos a ultrapassar os sentimentos de vergonha ou “anormalidade” destes. É o caso de Carla, que sublinha, por várias vezes, ao longo da entrevista que,

“Por exemplo, há aquela coisa do passivo e do ativo, que eu não sabia se havia ou não [...] e eu perguntei-lhe, uma vez!... E ele: “Oh, mãe! Isso é um disparate! Isso é um disparate!”, mas depois disse-me ‘Há! É verdade que cada um tem, normalmente, uma função’ – tipo um é o homem e o outro a mulher da relação – ‘mas até isso, mãe, é uma coisa que me custa imenso assumir’ – porque, pelo que eu percebi, ele será o passivo – ‘porque parece que ainda é mais anormal!’ e eu tive que desmontar! ‘Mas mais anormal porquê, Pedro? Por que é que um homem que gosta de ter relações anais com outro homem não gosta de ter relações anais com uma mulher? Se tu pensares assim, eu pergunto-te: és tu mais anormal?... [...] Não estou a perceber...’. Eu é que tenho que estar sempre a desmontar-lhe aquelas coisas medonhas que ele faz na cabeça dele [...]!” (Carla, filho homossexual)

As declarações desta mãe são particularmente interessantes não só porque ilustram a presença de repertórios sexuais mais diversificados, fruto do entrecruzamento de trajetórias individuais e sociais distintas, mas também porque se trata, uma vez mais, de um discurso normalizador que continua a assentar na aceitação dos princípios normativos do género. O binómio passividade/atividade é equiparado, de forma óbvia, ao binómio feminino/masculino, como se a rutura com a sexualidade normativa não pusesse verdadeiramente em causa a ordem de género.

Conclusão

A discussão acerca da possibilidade de as identidades sexuais e de as sexualidades não normativas contribuírem para a deslocação da norma não é nova. Pelo contrário, face a um contexto sociocultural onde elas se tornaram fortemente politizadas, nomeadamente sob o impulso do moderno movimento LGBT, ela parece estar na ordem do dia e ilustra as tensões internas que o atravessam. A conquista do reconhecimento legal das uniões entre pessoas do mesmo sexo, o acesso à adoção ou à procriação medicamente assistida, apenas para citar alguns exemplos, tem sido predominantemente acompanhado de uma argumentação que sublinha a “normalidade” das pessoas lésbicas, gays e bissexuais, das suas famílias e dos seus afetos. Trata-se, como sublinhou Seidman (2004, pp. 144-145), de um discurso ambíguo que produz representações distintas, especialmente do gay, na cultura popular, opondo o “gay poluído e desviante” ao “gay normal”. Este é aquele que se conforma à norma – e.g., sendo convencional em termos de género, associando sexo e amor, estando envolvido numa relação similar ao casamento, defendendo os valores familiares... –, sendo, *por isso*², merecedor de respeito e integração, leitura igualmente suportada por Richardson (2005).

É essa representação que encontramos nos discursos dos pais, que continuamente sublinham a conformidade dos/as seus/suas filhos/as a certos princípios normativos do género. A imagem do “gay normal” pode, portanto, coexistir facilmente com a (hétero)normatividade, mas nunca se lhe conforma de modo perfeito quer a ao nível do objeto de desejo, quer do exercício da sexualidade. São, precisamente, estes elementos que se constituem como especialmente perturbadores para alguns pais, a despeito dos seus esforços de normalização. Neste sentido, trata-se de uma representação que pode também contribuir para desestabilizar e deslocar a norma, quanto mais não seja porque mostra a existência de formas alternativas de vivência dos afetos e do erotismo. Na prática, porém, aquilo a que assistimos é não só a uma aceitação parcial, mas sobretudo a um esforço de reprodução das categorias dominantes do género e da sexualidade.

Referências

- Ben-Ari, A. (1995). The discovery that an offspring is gay: Parents', gay men's, and lesbians' perspectives, *Journal of Homosexuality*, 30, 89-112.
- Bourdieu, Pierre (1998). *La domination masculine*. Paris: Seuil.
- Bozon, Michel (2013). *Sociologie de la Sexualité*. Paris: Armand Colin.
- Brandão, Ana Maria (2010). Da Sodomita à Lésbica: O gênero nas representações do homo-erotismo feminino, *Análise social*, 45 (195), 307-327.
- Cucchiari, Salvatore (1994). "The Gender Revolution and the Transition from Bisexual Horde to Patrilocal Band". In Sherry B. Ortner & Harriet Whitehead (eds.) (pp. 31-79). *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. USA: Cambridge University Press.
- Davidson, Arnold (1992). "Sex and the Emergence of Sexuality". In Edward Stein (ed.) (pp. 89-132). *Forms of Desire: Sexual orientation and the social constructionist controversy*. New York: Routledge.
- Douglas, Mary (1994). *Purity and Danger: An analysis of the concepts of pollution and taboo*. London: Routledge.
- Frazão, Pedro, & Rosário, Renata (2008). O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares, *Análise Psicológica*, 1 (27), 25-45.
- Foucault, Michel (1994). *História da Sexualidade: A vontade de saber*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Gagnon, John H., & Simon, William (1977). *Sexual Conduct: The social sources of human sexuality*. Chicago: Aldine Publishing Company.
- Gagnon, John (1999). Les Usages Explicites et Implicites de la Perspective des Scripts dans les Recherches sur la Sexualité, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 128, 73-79.
- Giddens, Anthony (1997). *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras: Celta.
- Jackson, Margaret (1995). «"Facts of Life" or the Eroticization of Women's Oppression?». In Pat Caplan (ed.) (pp. 52-81). *The Cultural Construction of Sexuality*. London: Routledge.
- Mallon, Gerald P. (2000). Gay and lesbian adolescents and their families, *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 10 (2), 69-88.
- Markowe, Laura A. (1996). *Redefining the Self: Coming out as lesbian*. Cambridge, MA: Polity Press.
- Morrow, Deanna F. (2001). Coming out to families: Guidelines for intervention with gay and lesbian clients, *Journal of Family Social Work*, 5 (2), 53-66.
- Padgug, Robert (1992). Sexual Matters. In Edward Stein (ed.) (1992) (pp. 43-67) *Forms of Desire: Sexual orientation and the social constructionist controversy*. New York: Routledge.
- Queiroz, J.M. (1988). La distance et le style: Note sur la socialisation des jeunes homossexuels, *Sociétés*, 17, 16-18.
- Richardson, Diane (2005). Desiring sameness? The rise of neoliberal politics of normalisation, *Antipode*, 37 (3), 515-535.
- Savin-Williams, Ritch C. (2006). *Mom, Dad. I'm gay: How families negotiate coming out*. Washington: American Psychological Association.
- Seidman, Steven (2004). *Beyond the Closet: The transformation of gay and lesbian life*. New York: Routledge.

- Simon, Wiliam (1996). *Postmodern Sexualities*. London: Routledge.
- Strauss, Anselm L. (2002). *Mirrors and Masks: The search for identity*. New Brunswick: Transaction Publishers.
- Taylor, Timothy (1996). *The Prehistory of Sex*. London: Fourth Estate.
- Ussher, Jane M., & Mooney-Somers, Julie (2000). Negotiating Desire and Sexual Subjectivity: Narratives of young Lesbian Avengers, *Sexualities*, 3 (2), 183-200.
- Waldner, Lisa K., & Magrader, Brian (1999). Coming out to parents, *Journal of Homosexuality*, 37 (2), 83-100.
- Weeks, Jeffrey (1995). *Sexuality*. London: Routledge.
- Weeks, Jeffrey, Heaphy, Brian, & Donovan, Catherine (2001). *Same-sex Intimacies: Families of choice and other life experiments*. London: Routledge.
- Wilton, Tamsin (1995). *Lesbian Studies: Setting an agenda*. London: Routledge.

¹ As tarefas deste projeto realizadas em território estrangeiro foram financiadas pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia ao abrigo da Bolsa de Licença Sabática com a referência SFRH/BSAB/106045/2015.

² Sublinhado nosso.